

CORDA DE 7 NÓS E A BORDA DENTADA

A pesquisa cuidadosa do emprego das cordas com nós pela maçonaria revela que a confusão de diversos autores é enorme sobre origem e interpretação de cada uma delas, gerando desinformação nos maçons.

Em “A Simbólica Maçônica” de Jules Boucher, está escrito: *“Dá-se o nome de **borda dentada** à corda de nós que rodeia o quadro do Aprendiz e o quadro do Companheiro. Essa expressão parece imprópria e, no entanto, é consagrada pelo uso. Trata-se de uma corda formando nós chamados laços de amor e terminada por uma borla em cada extremidade.”*

Boucher afirma que “essa expressão parece imprópria”, mas não explica o porquê. Na mesma obra reproduz artigo do livro “Le Symbolisme” de W. Nagrodski, intitulado “o Instrumento Desconhecido”: *“Os instrumentos usados pelo maçom simbólico correspondem exatamente ao equipamento normal de um companheiro maçom operativo. Eles usam os mesmos nomes e um operário qualquer reconhecê-los-ia facilmente nos “tapetes” dos graus do Aprendiz e do Companheiro... Ele ficaria espantado só quando constatasse que o cordel, instrumento absolutamente indispensável na profissão, recebeu na maçonaria simbólica o nome de **borda dentada com laços de amor** que une todos os maçons. Esse simbolismo muito tocante do cordel do maçom é forçado em razão do diletantismo sentimental dos maçons aceitos.”*

“Eles não sabiam que toda a construção deve ser “marcada” no terreno antes de ser começada e que o cordel representa um grande papel nesta operação que, em si, contém um simbolismo muito mais profundo que esse dos “laços do amor” que não rimam tecnicamente com nada. A importância da marcação de um edifício torna-se particularmente grande quando se trata de um templo e, já no Egito antigo, essa operação era executada pelos “esticadores de cordel”, profissionais acompanhados de ritos semelhantes ao lançamento de nossas pedras fundamentais.”

Nagrodski é uma raridade entre os autores maçônicos que percebeu a confusão entre a corda com nós usada pelos antigos construtores e a corda usada na maçonaria representando a cadeia de união, idealizada pelos hindus para simbolizar uma escola esotérica.

J. Boucher prossegue em “A Simbólica Maçônica: *“A opinião de Nagrodski deve ser anotada. Parece quase certo que os maçons especulativos, ao transpor um símbolo operativo, falsearam o seu sentido original. Observamos acima que os agrimensores egípcios serviam-se de uma corda com nós para traçar ângulos retos; da mesma forma, os nós do cordel constituíam pontos de referência.”*

A opinião de Boucher que dá o nome de borda dentada à corda de nós que rodeia o quadro de Aprendiz, não se deve ao falseamento de sentido da corda dos painéis e menos ainda provocada pelos primeiros maçons. Trata-se mesmo de confusão do autor em repetição a outros e de pesquisa superficial. A borda dentada é uma **moldura** formada por losangos, sem corda e, portanto, não tem os laços de amor. Apareceu com os painéis desenhados por John Harris em 1823 para o ritual de emulação da maçonaria inglesa. A corda com laços de amor está presente nos painéis da maçonaria francesa e germânica do século 18 e foi inspirada na corda dos antigos construtores.

No livro “Morals and Dogmas”, Albert Pike diz que a borda dentada é um dos ornamentos da Loja. Assim escreve Pike em sua obra: *“As bordas do pavimento, se forem losangos, serão, necessariamente endentadas ou denteadas, com dentes como uma serra e, para completá-lo e acabá-lo, é preciso uma orla. Ele é completado por quadrados de pedra como decoração nos cantos. Se esses e a borda têm algum significado simbólico é fantasioso e arbitrário.”*

Como se pode ver até aqui, para Boucher, a borda dentada é uma corda, para Nagrodski, essa analogia é um simbolismo forçado e para Albert Pike, a borda dentada é apenas um arremate do pavimento do templo e seu significado é fantasioso e arbitrário. Nos rituais da maçonaria nos Estados Unidos, a borda em losangos lembra as estrelas e planetas errantes que em seus complexos movimentos criam uma bela moldura em torno do sol. No Brasil, a borda dentada saiu do piso, foi para próximo do teto e virou corda de 81 nós.

A corda dos antigos construtores está descrita no livro “Os Segredos dos Construtores” de Maurice Vieux. Diz o autor: *“Decidida a construção de um grande edifício e escolhido o local, havia que desenhar o que hoje se denomina um plano de massa e que na Idade Média se realizava por meio de maquete. O mestre-de-obras reunia os carpinteiros, mandava erguer o alojamento dos pedreiros e achava de seu dever mostrar o **traço** aos companheiros que consistia de estabelecer a referência metrológica. Essa base não poderia ser modificada no tempo e no caso de perda da régua do mestre-de-obras, conhecida pelo nome de **virga geométrica**, fácil seria fazer nova régua de idêntica precisão que se dividia em 24 polegadas duplas, ou seja, 4 pés. Depois da execução da maquete com escala, o mestre-de-obras traçava no solo a linha mediana e o eixo de transporte das pedras. Para esse trabalho e não dispo de meios óticos, o mestre-de-obras utilizava o processo egípcio da corda de 13 nós para formar o esquadro. Esse método permitiu materializar o teorema de Pitágoras, construindo-se um esquadro exato do tamanho desejado. O nó, marcando cada intervalo de uma forma particular, é chamado **lago do amor**.”*

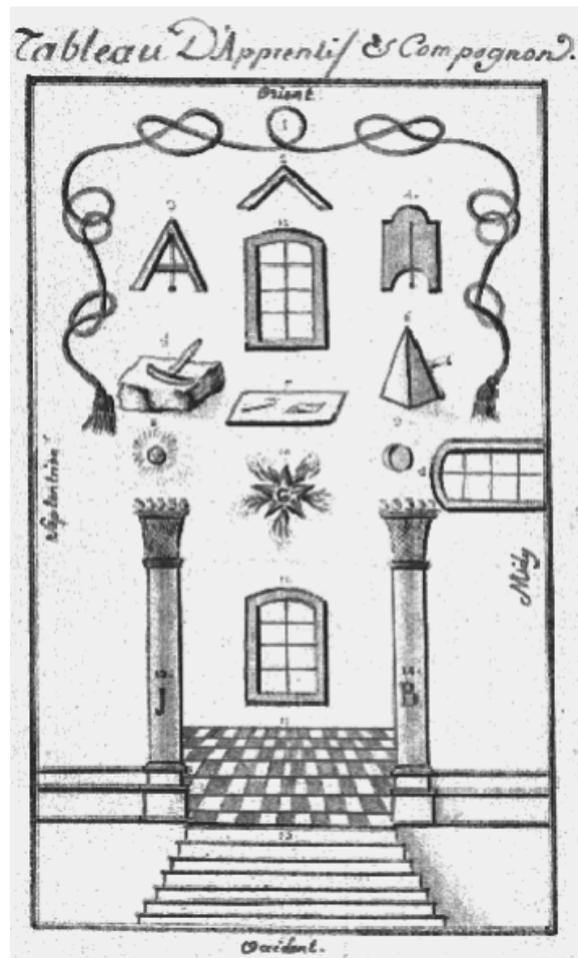
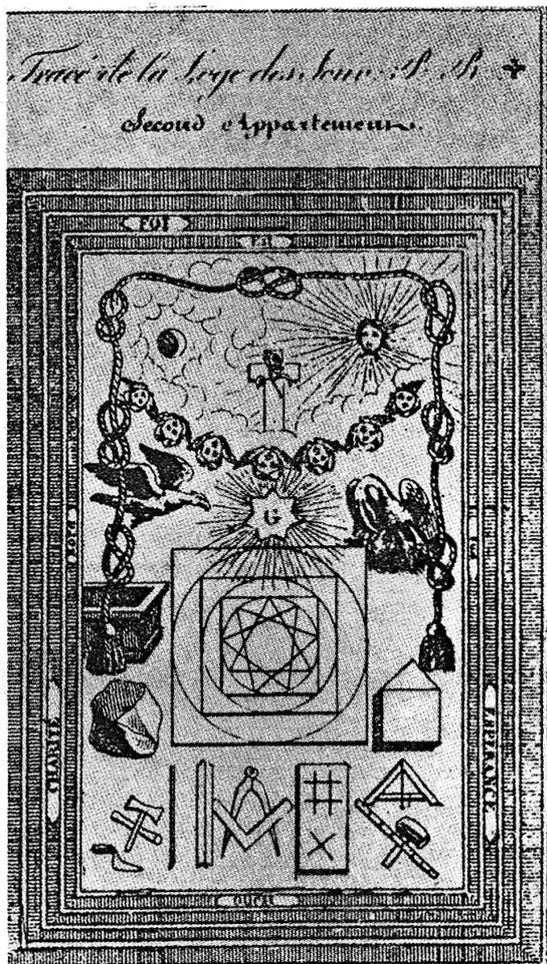
A informação de Vieux favorece o esclarecimento de parte da confusão em torno da corda que aparece nos painéis da maçonaria. O painel que as Lojas maçônicas mostram foram idealizados a partir da maquete dos antigos construtores e a corda representa um dos instrumentos de trabalho. Não é ornamento como a corda de 12 nós, ou 81 nós nas

Grandes Lojas, presa no friso próximo ao teto. A corda de 7 nós dos painéis corresponde à referência metrológica dos antigos. Alguns painéis mostram uma corda de cinco ou três nós. Todas têm o mesmo significado. A corda dos painéis da maçonaria ganhou a designação de laços de amor em substituição aos laços do amor dos construtores.

Os painéis com a corda de 7 nós predominam nos templos que representam a natureza ou o universo porque os nós simbolizam os sete planetas conhecidos dos astrólogos egípcios. Mas o número de nós da corda nos vários painéis maçônicos difere e na esteira dessa diversidade variam as opiniões dos autores e as suas interpretações: Vuillaume assinala sete nós na borda dentada do grau de Aprendiz e nove no grau de Companheiro. Edouard Plantageneta também atribui sete nós ao grau de Aprendiz, mas não especifica o número de nós relativos ao grau de Companheiro. Oswald Wirth atribui três nós apenas aos dois graus. Ragon não indica o número de nós. A posição dos autores citados pode levar à dedução enganosa que apenas nos graus simbólicos os painéis mostram a corda de 7 nós. Mais adiante a pesquisa da Oficina de Restauração do Rito Escocês Antigo e Aceito reproduz painel do grau Rosa-cruz com a corda que simboliza a referência metrológica dos antigos.

No texto de “A Vida Oculta na Maçonaria” de C. W. Leadbeater encontra-se a maior mistura de conceitos. Vejamos o entendimento de Leadbeater: *“Diz-se que no começo do século dezoito marcavam-se no solo com giz os símbolos da Ordem e esse diagrama era circundado por uma corda pesada, ornamentada de borlas; era, por isso, chamada **borla dentada**, posteriormente corrompida em borda marchetada. Os franceses a chamam la houppe dentelée e a descreveram como sendo uma corda com lindos nós que rodeia o quadro de traçar.”*

Algumas considerações sobre esse texto de Leadbeater. A **borla** não pode ser dentada porque se trata de um tufo de fios ou pelos do qual pendem franjas. A borla ser confundida com borda parece ficção. A **borda** é uma moldura de quadro e, portanto, pode ser dentada ou marchetada porque marchetaria é uma obra geralmente feita em material duro que permita recortes e embutidos. Isso confirma que Leadbeater confunde a corda com nós dos painéis franceses e alemães com a moldura dentada de losangos da tábua de delinear do 1º grau da maçonaria inglesa, desenhada por J. Harris. La houppe dentelée é um tufo de fios ou topete de cabelos, rendados. A seguir, alguns painéis em que a corda de nós com laços de amor representa a corda de 13 nós dos antigos construtores.



À esquerda, painel do grau Rosa-cruz e à direita painel de Aprendiz e Companheiro do sistema escocês no século 18 com a corda de 7 nós.

Na sequência, uma reprodução da tábua de delinear do primeiro grau do ritual de emulação, desenhada por John Harris. No desenho nota-se a moldura retangular dentada da qual pendem quatro borlas, uma em cada canto, como adornos da moldura. Não consta nenhuma corda com nós representando laços de amor. Essa moldura também é confundida por alguns autores com os cordões de viúvas, objetos relacionados ao luto e usados no século 16 para cobrir o rosto.



Painel (Tábua de Delinear) do Ritual Emulação, com borda dentada, sem corda com nós.

O desenho do painel inglês foi inspirado nas bandeiras das antigas corporações de ofícios. Essas corporações tinham cada uma a sua bandeira, em forma de grandes painéis retangulares, que estavam sempre presentes nos atos públicos. As bandeiras das corporações mais ricas eram suspensas por cordões que podiam ser de seda e ouro. Eram ornamentadas por grandes borlas pendentes, do mesmo material ou de prata. Tinham ricos bordados e preciosas tarjas ou círculos dentro dos quais estavam imagens dos santos que em vida exerceram ofícios mecânicos. Nos painéis da maçonaria inglesa a moldura também consiste de uma tarja de losangos dentro da qual está a escada de Jacó com as imagens simbólicas das virtudes teológicas, as colunas, a bíblia, a prancheta e alguns instrumentos do ofício maçônico.

Em síntese, a corda de sete nós, que também pode aparecer com três ou cinco, é a representação da corda de 13 nós inventada pelos egípcios e usada pelos antigos construtores antes de conhecerem recursos óticos de medição. Recorda o antigo meio de referência metrológica. A corda de sete nós é um instrumento de trabalho como os demais reproduzidos nos painéis das Lojas maçônicas. Não é ornamento como a corda de doze nós fixada no friso das paredes dos templos. Os nós ganharam a denominação de laços de amor em semelhança aos lagos do amor da corda dos construtores. E os painéis com a corda de 7 nós adotados pela maçonaria representam a antiga maquete produzida pelo mestre-de-obras no piso com o plano da obra. Assim fizeram as Lojas ao desenharem inicialmente no piso, e depois em tapetes, os símbolos da reconstrução ética e moral do maçom.

A corda de sete nós é uma referência metrológica de ética e de moral modernas.

Ailton Pinto de Trindade Branco

Presidente da Oficina de Restauração do REAA